

Tratado de Linguística e Cultura Surda: A LIBRAS como Sistema Visual-Espacial de Complexidade Cognitiva

Autora: Andrea Almeida B Machado

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) constitui-se como um sistema linguístico de modalidade visual-espacial que desafia as concepções tradicionais da comunicação humana, historicamente centradas no canal oral-auditivo. Longe de ser uma mera coleção de gestos ou uma representação simplificada da língua portuguesa, a LIBRAS possui uma estrutura gramatical independente, com níveis de complexidade fonológica, morfológica e sintática que permitem a expressão de quaisquer conceitos, desde os mais concretos do cotidiano até as abstrações mais densas do pensamento científico e filosófico. Compreender esta língua exige, primordialmente, um mergulho na ontologia da surdez, percebendo-a não como uma patologia a ser curada, mas como uma diferença política e cultural que fundamenta a identidade de uma comunidade vibrante e resiliente, que encontra na visão o seu principal dispositivo de interação com o mundo.

Neste capítulo, propõe-se uma análise técnica e aprofundada dos fundamentos que regem a LIBRAS, percorrendo desde o seu marco regulatório — consolidado pela Lei nº 10.436/2002 — até as nuances de sua produção articulatória e gramatical. A transição do paradigma médico para o socioantropológico é o fio condutor desta discussão, demonstrando como a língua de sinais atua como o suporte cognitivo essencial para o desenvolvimento pleno do sujeito surdo. Através de uma abordagem bilingue e bicultural, exploraremos como a fluência em LIBRAS permite a superação das barreiras comunicativas e a efetivação da cidadania, transformando espaços de invisibilidade em ambientes de alteridade. O objetivo é fornecer ao leitor uma base científica sólida que sustente a prática da conversação, respeitando as variações linguísticas e a riqueza terminológica que caracterizam esta língua em solo brasileiro.

Tratado de Linguística e Cultura Surda: A LIBRAS como Sistema Visual-Espacial de Complexidade Cognitiva. Editora Acadêmica Aluz (2026)

1. Ontologia da Surdez: Do Modelo Médico à Identidade Sociopolítica e Antropológica

A compreensão contemporânea da surdez exige um distanciamento crítico das perspectivas puramente clínicas que a definem apenas como uma patologia ou ausência sensorial. Academicamente, a surdez é redefinida como uma "diferença política", onde o sujeito se constitui através de uma experiência visual e linguística própria, consolidada pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como sua primeira língua (L1). Esta transição paradigmática é fundamental, pois enquanto o termo "pessoa com deficiência auditiva" é frequentemente atrelado ao discurso médico de reabilitação e perda, a autodesignação "Surdo" (com inicial maiúscula em contextos acadêmicos) evoca a pertença a uma comunidade bicultural e bilíngue. A identidade surda é, portanto, forjada na interação coletiva, em associações e espaços onde a visualidade é o pilar central da comunicação e da interpretação do mundo. A mensuração da audição através de decibéis (dB) revela uma gradação que vai da perda leve (25 a 40 dB) à profunda (acima de 91 dB), onde a percepção sonora se limita a eventos de altíssima intensidade, como turbinas de avião ou disparos. Entretanto, o impacto da surdez profunda no desenvolvimento humano é predominantemente linguístico e não meramente sensorial. Pesquisas indicam que a linguagem funciona como o dispositivo condutor do cérebro, influenciando diretamente a memória, o pensamento abstrato e a autoconsciência. Sem a exposição precoce a uma língua estruturada, seja ela oral ou de sinais, o indivíduo pode enfrentar debilidades mentais secundárias, o que historicamente alimentou o estigma errôneo de associar o surdo à deficiência mental ou ao "mutismo".

Neurocientificamente, a "voz interior" do sujeito surdo profundo que utiliza a LIBRAS manifesta-se visualmente; ele "vê" ou "sente" a si mesmo sinalizando dentro de sua cabeça, em um processo análogo à fala interna de ouvintes. Esse fenômeno demonstra que o cérebro humano possui uma plasticidade notável, priorizando a função linguística independentemente do canal (oral ou gestual) utilizado. Para aqueles com surdez parcial ou treinamento oral tardio, o pensamento pode ocorrer de forma híbrida, mas a língua de sinais

permanece como a estrutura principal de organização lógica para os nascidos surdos. A privação da língua é, portanto, a maior barreira ao desenvolvimento, e não a ausência do som em si.

A legislação brasileira, através da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, reconhece a LIBRAS como um sistema linguístico legítimo, rompendo com décadas de imposição do oralismo que excluía aqueles que não desenvolviam a fala oral. Este reconhecimento legal é uma vitória da comunidade surda contra a prática de invisibilização, garantindo que a língua visual-espacial seja respeitada como o meio legal de comunicação e expressão. A inclusão efetiva, portanto, não é apenas uma concessão social, mas o cumprimento de um direito linguístico que permite ao surdo ocupar espaços em centros culturais, instituições públicas, bancos e universidades. A figura do tradutor e intérprete de sinais (TILS) torna-se o elo técnico essencial para viabilizar essa cidadania em uma sociedade predominantemente ouvinte.

2. Morfofonologia e a Estrutura Paramétrica da LIBRAS

A LIBRAS não deve ser confundida com mímica ou gestos aleatórios; ela possui uma estrutura gramatical complexa composta por parâmetros que se combinam de forma simultânea e sequencial. A fonologia das línguas de sinais, frequentemente chamada de quiremes, organiza-se em cinco parâmetros principais: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação (O) e Expressões Não Manuais (ENM). A Configuração de Mão, por exemplo, refere-se às diversas formas que a mão assume (existem dezenas catalogadas), que podem ser baseadas no alfabeto manual ou em formas abstratas específicas da língua. A alteração de um único parâmetro pode alterar completamente o significado de um sinal, evidenciando o rigor linguístico do sistema.

O Ponto de Articulação define o espaço físico ou o local no corpo onde o sinal é executado, sendo um marcador semântico crucial. Sinais como "APRENDER" e "LARANJA" podem compartilhar a mesma configuração de mão, mas diferenciam-se pelo PA: o primeiro ocorre na testa e o segundo em frente à boca. O Movimento e a Orientação da palma da mão adicionam camadas gramaticais, como a direcionalidade verbal (quem faz a ação para quem)

e a intensidade. Sem o domínio técnico desses componentes, a comunicação torna-se ruidosa ou incompreensível, exigindo do sinalizador uma precisão motora e espacial que as línguas orais concentram no aparelho fonador.

As Expressões Não Manuais (faciais e corporais) não são meros adornos emocionais, mas componentes sintáticos obrigatórios. Elas marcam tipos de frases (interrogativas, negativas, exclamativas) e adjetivam os sinais através da intensidade do olhar ou da movimentação dos ombros e sobrancelhas. Por exemplo, sinais que transmitem a ideia de "FELIZ" exigem uma expressão facial condizente, sob pena de gerar uma contradição pragmática que confunde o interlocutor surdo. A coordenação entre a mão predominante e as expressões faciais é o que confere à LIBRAS sua riqueza poética e sua precisão científica na descrição de conceitos abstratos.

A sintaxe da LIBRAS é marcadamente diferente da do Português, seguindo frequentemente a ordem Tópico-Comentário em vez da rígida estrutura Sujeito-Verbo-Objeto. Um exemplo clássico é a frase "O gato comeu o rato", que em LIBRAS pode ser estruturada como "RATO, GATO COMEU", priorizando o foco visual da cena. Além disso, a LIBRAS é uma língua que não utiliza artigos ou preposições da mesma forma que as línguas latinas, e o tempo verbal é marcado por advérbios ou sinais indicativos no início da sentença. Tentar sinalizar seguindo a ordem gramatical do português resulta no chamado "Português Sinalizado", que não é considerado LIBRAS genuína e prejudica a compreensão natural do surdo.

3. Semântica Aplicada, Variação Regional e Escrita de Sinais

A semântica da LIBRAS organiza o mundo através de campos lexicais que abrangem todas as esferas da atividade humana, desde o cotidiano doméstico até domínios técnicos complexos. O aprendizado de vocabulário relativo a alimentos (frutas, legumes, grãos), vestuário, cores e sentimentos é o alicerce para a conversação fluida. Entretanto, a língua vai além da simples nomeação; ela utiliza "classificadores" para descrever formas, tamanhos e a maneira como os objetos se movem no espaço. Essa capacidade descritiva permite que o sinalizador detalhe cenas complexas, como o funcionamento de um motor ou a dinâmica de um acidente, com uma precisão visual que muitas vezes supera a descrição oral.

O regionalismo é uma característica intrínseca de qualquer língua viva e na LIBRAS ele se manifesta com vigor em diferentes estados brasileiros. Fatores sociais como idade, educação, situação geográfica e a própria constituição familiar interferem na criação de novos sinais e "sotaques" visuais. Sinais utilizados em São Paulo podem diferir radicalmente dos usados em Porto Alegre ou Mato Grosso, mesmo mantendo o mesmo significado semântico. Essa variação linguística enriquece a língua e exige que o intérprete ou estudante esteja atento às marcas locais da comunidade onde está inserido, reconhecendo que a padronização absoluta é impossível em uma língua que passa "de mão em mão".

O sistema **SignWriting**, desenvolvido por Valerie Sutton, representa uma revolução no registro das línguas de sinais, permitindo sua escrita direta sem a necessidade de tradução para línguas orais. Ao contrário dos sistemas alfabéticos que representam fonemas, o SignWriting utiliza símbolos visuais para representar os quiremas: configurações de mão, localização no espaço, orientação e expressões faciais. No Brasil, este sistema tem sido utilizado para documentar a gramática da LIBRAS, escrever contos infantis e até transcrever o Hino Nacional, permitindo que o surdo tenha um registro gráfico que respeite a tridimensionalidade de sua língua materna. O uso do computador através do programa SignWriter facilitou a disseminação desta escrita em cursos de informática para surdos.

A interação em contextos formais, como bancos ou hospitais, exige um vocabulário técnico específico que inclui valores monetários, taxas de juros e terminologias de saúde. Andréa Machado demonstra que a conversação bilingue nestes espaços envolve não apenas a troca de sinais, mas a compreensão de protocolos sociais, como o saque de empréstimos ou a assinatura de documentos. A precisão nos sinais de numerais ordinais, cardinais e quantitativos é vital para evitar erros em transações comerciais. Da mesma forma, o conhecimento de sinais relativos a profissões (médico, advogado, psicólogo) e ambientes escolares permite que o surdo exerça sua autonomia profissional e acadêmica com plena consciência de seus direitos e deveres.

4. Toponímia, Cultura e o Rito de Passagem do Sinal Pessoal

Tratado de Linguística e Cultura Surda: A LIBRAS como Sistema Visual-Espacial de Complexidade Cognitiva

A toponímia em LIBRAS revela a forma como a comunidade surda percebe e nomeia o espaço geográfico, utilizando sinais específicos para estados brasileiros, países e cidades. No contexto do Mato Grosso, cidades como Rondonópolis possuem sinalizações próprias que refletem a identidade local. A organização temporal e espacial nestas descrições segue a lógica do maior para o menor: ao dar um endereço, inicia-se pelo país, seguido pelo estado, cidade e, por fim, a rua. Essa estrutura espelha a forma como a visão processa a informação — do panorama geral para o detalhe específico — e é um dos pilares da clareza na sinalização acadêmica e cotidiana.

Um dos aspectos mais singulares e humanizados da Cultura Surda é o rito do **sinal pessoal**, também conhecido como "batismo". Na comunidade surda, é considerado antiético um ouvinte criar seu próprio sinal; este deve ser atribuído por um surdo após um período de observação e convivência. O sinal é baseado em características físicas marcantes, comportamentos, manias ou apelidos, tornando-se o nome visual do indivíduo para a vida toda. Ter um sinal pessoal significa ser reconhecido e acolhido pela comunidade surda, transcendendo a soletração mecânica do nome através da datilologia. É um símbolo de identidade que deve ser honrado, evitando-se trocas frequentes.

As datas comemorativas e o calendário festivo brasileiro também recebem interpretações visuais ricas em LIBRAS, como os sinais para Carnaval, Páscoa, Natal e Ano Novo. Esses sinais frequentemente incorporam elementos icônicos da celebração (como o balançar das mãos no Carnaval ou as orelhas do coelho na Páscoa), demonstrando a natureza pictográfica e simbólica da língua. O domínio desses sinais permite que o surdo participe plenamente da vida social e cultural do país, interpretando hinos, músicas e discursos políticos de forma a captar não apenas as palavras, mas a essência emocional e ideológica das mensagens. A interpretação de músicas, em particular, exige do profissional uma desenvoltura corporal que beira a expressão artística.

A inclusão efetiva, conforme defendido por Andréa Machado, não termina no aprendizado do alfabeto manual, mas na capacidade de manter diálogos complexos e respeitosos. Isso envolve seguir dicas éticas de convivência: manter contato visual, falar de frente para

Tratado de Linguística e Cultura Surda: A LIBRAS como Sistema Visual-Espacial de Complexidade Cognitiva. Editora Acadêmica Aluz (2026)

permitir leitura labial quando necessário, não mascar chicletes enquanto fala e usar iluminação adequada. É imperativo abandonar termos pejorativos como "mudinho" ou "surdinho" e reconhecer que nem todo surdo é mudo, nem todo surdo faz leitura labial e a língua de sinais não é universal. O respeito à LIBRAS como uma **língua** (e não uma linguagem) é o reconhecimento de sua paridade com o Português e o fundamento para uma sociedade verdadeiramente bilingue e democrática

Conclusão

A sistematização dos conhecimentos apresentados neste capítulo revela que a Língua Brasileira de Sinais transcende o papel de ferramenta de acessibilidade para se consolidar como um patrimônio cultural e linguístico da nação brasileira. Ao longo desta análise, ficou evidente que a fluência em LIBRAS não se restringe à memorização de um vocabulário isolado, mas exige a compreensão profunda de uma gramática visual que organiza o pensamento e a percepção de forma tridimensional. O domínio dos cinco parâmetros — configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais — é o que permite ao sinalizador transitar com precisão entre os diversos campos semânticos, desde a esfera doméstica até os complexos domínios jurídicos e científicos. Portanto, a educação em LIBRAS deve ser pautada pelo rigor técnico e pelo respeito à identidade surda, assegurando que a comunicação ocorra de forma plena, ética e sem as distorções que historicamente marcaram a relação entre surdos e ouvintes em espaços de poder e saber.

A reflexão sobre a prática da conversação em LIBRAS nos conduz à necessidade de uma reforma nas estruturas sociais, bancárias, educacionais e de saúde, para que o sujeito surdo não seja um estrangeiro em seu próprio país. A presença do tradutor e intérprete de LIBRAS (TILS) e a formação bilingue dos profissionais de linha de frente são imperativos éticos que materializam o que a legislação brasileira preconiza há décadas. Quando um profissional de saúde ou um agente bancário domina os sinais de sua área, como demonstrado nos tópicos sobre valores monetários e sinais de doenças, ele não está apenas facilitando um serviço,

Tratado de Linguística e Cultura Surda: A LIBRAS como Sistema Visual-Espacial de Complexidade Cognitiva

mas está reconhecendo a dignidade do interlocutor surdo e sua autonomia como cidadão. A inclusão efetiva ocorre no momento em que a língua de sinais deixa de ser vista como uma "adaptação" e passa a ser integrada como uma língua de instrução e de prestígio, capaz de veicular informações complexas com a mesma acurácia que qualquer língua oral-auditiva, promovendo uma sociedade verdadeiramente plural e democrática.

Ademais, é fundamental destacar que a jornada do básico à conversação é um processo contínuo de aprendizado e exposição cultural que não se encerra nas páginas de um tratado teórico. A língua é viva e, como tal, está em constante mutação, sendo perpassada por regionalismos e gírias que refletem a dinâmica das comunidades surdas espalhadas pelo Brasil, do Mato Grosso ao Rio Grande do Sul. O pesquisador e o estudante devem estar atentos a essas variações diatópicas e sociais, compreendendo que a riqueza da LIBRAS reside justamente em sua capacidade de adaptação e renovação. A valorização do "sinal pessoal" e o respeito aos ritos de batismo linguístico dentro da comunidade são exemplos de como a dimensão humana deve estar aliada à competência técnica. Somente através de uma imersão genuína e de uma postura de humildade intelectual é que o ouvinte poderá, de fato, transpor a barreira do silêncio e estabelecer uma conexão autêntica com o universo surdo, onde a voz é produzida pelas mãos e o ouvido é substituído pelo olhar atento.

Por fim, encerramos esta obra reforçando que o estudo da LIBRAS é, em última instância, um exercício de alteridade e de expansão dos limites da comunicação humana. Como bem observado nas contribuições teóricas de Oliver Sacks e Ronice Muller de Quadros, a descoberta da língua de sinais é a descoberta de uma nova forma de ser e de estar no mundo. Ao dominar os campos lexicais das profissões, dos sentimentos, do tempo e do espaço, o sinalizador torna-se um mediador cultural capaz de construir pontes onde antes existiam abismos. Que este capítulo sirva não apenas como um guia técnico-científico, mas como um catalisador para que novos estudos e práticas sejam desenvolvidos, sempre tendo como horizonte a valorização da língua materna dos surdos brasileiros. A sinfonia visual das mãos, quando executada com precisão gramatical e empatia humana, tem o poder de transformar

a realidade, garantindo que o direito de ser surdo e o direito de sinalizar sejam plenamente exercidos em todas as esferas da vida social, acadêmica e profissional.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Andréa B. Machado.** *Apostila de LIBRAS: do básico a conversação*. (Documento Base).
- BRASIL.** *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.* Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- BRASIL.** *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.* Regulamenta a Lei nº 10.436.
- CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte.** *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua Brasileira de Sinais*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- FELIPE, Tanya Amara.** *LIBRAS em Contexto: Curso Básico*. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda.** *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- KARNOPP, Lodenir Becker.** *Linguística e línguas de sinais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller de.** *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- SACKS, Oliver.** *Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos.** *A Surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STOKOE, William.** *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.
- SUTTON, Valerie.** *SignWriting: Lessons in SignWriting*. La Jolla: Deaf Action Committee for Sign Writing, 1995.